

Médicos lutam contra o relógio para salvar vidas

Da Sucursal

São Paulo — A decisão precisa ser rápida e há um serviço organizado para receber as doações: entre a retirada e o transplante, o tempo de vida de um coração é de apenas três horas, o do fígado de 12 horas, enquanto um rim, que tem mais condições, pode ser utilizado até 72 horas depois. Assim, quando o pai de Fábio Loss se comunicou com o Centro de Captação de Órgãos da Secretaria de Saúde de São Paulo, ninguém perdeu tempo. O dr. Paulo Masarolo, médico da equipe do dr.

Silvano Raia (faz transplantes de fígado), do Hospital das Clínicas, de São Paulo, tomou o avião e foi correndo à Clínica Daher, em Brasília, para retirar os órgãos que seriam transplantados em José Patrício Nahuel Gardena, de 45 anos, Lucidelma Lopes Azevedo, de 22 anos (os dois receberam seus rins) e João Mário Monge, de 42 anos (recebeu o fígado do garoto).

Os transplantes renais foram feitos pela equipe do dr. Sami Arap, que também é presidente da Comissão de Transplantes da Secretaria de Saúde e, desde

1965, se dedica a essa especialidade: "Naquela época fazia parte da equipe do professor Campos Freire. Participei como membro novato do primeiro transplante renal realizado na América do Sul", lembra dr. Sami.

Sami Arap explica que o critério de escolha depende de vários fatores: "Além do tempo na fila de espera, são realizados testes para detectar uma rejeição hiperaguda. O custo de um transplante de rins é caro: sai entre US\$ 30 e US\$ 50 mil. As doações podem ser feitas pelo Disk Saúde (011) 1520 ou (011) 64-1649".